

## O TEMPO EM SANTO AGOSTINHO THE WEATHER IN SANTO AGOSTINHO

Juliana das Neves Correa Marques\*

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo examinar a interpretação de Santo Agostinho sobre a questão do tempo. Em *Confissões* XI, Agostinho propõe que o tempo é experienciado internamente na alma como uma distensão. Para fundamentar essa tese, ele elabora uma meditação sobre o enigma do tempo, confrontando o argumento cético – que afirma que o tempo não possui ser – com a linguagem cotidiana, que evidencia que de uma forma que não se sabe explicar, o tempo é. Essa reflexão sobre o tempo é acompanhada por uma discussão sobre a eternidade e a criação do mundo, destacando a análise filosófica de que o tempo é uma impressão subjetiva, representando a maneira humana de se relacionar com o passado, o presente e o futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo, eternidade, criação, *distentio*, Agostinho.

### ABSTRACT

This study aims to examine Saint Augustine's interpretation of the concept of time. In *Confessions* XI, Augustine proposes that time is experienced internally in the soul as distension. To support this thesis, he develops a meditation on the enigma of time, confronting the skeptical argument—which asserts that time does not exist—with everyday language, which inexplicably indicates that time does exist. This reflection on time is accompanied by a discussion on eternity and the creation of the world, highlighting the philosophical analysis that time is a subjective impression, representing the human way of relating to the past, present, and future.

**KEYWORDS:** Time, eternity, creation, *distension*, Augustine.

### INTRODUÇÃO

O livro XI das *Confissões*, uma obra de caráter eminentemente autobiográfico, escrita em latim entre 397 d.C. e 401 d.C., é um marco na história da filosofia sobre a questão do tempo. Nele, encontra-se uma das mais célebres meditações sobre a explicação do tempo, caracterizada por uma abordagem argumentativa e fenomenológica que resulta em uma visão predominantemente psicológica do tempo. A reflexão sobre o tempo em Agostinho possui uma estrutura argumentativa, evidenciada pelo diálogo entre ele e Deus, e, em algumas ocasiões, com a própria alma.

A discussão sobre o tempo em *Confissões* não ocupa toda a obra, mas se estende pelos parágrafos 14, 17-28 e 38 do livro XI. Os parágrafos 14 e 17, que iniciam a reflexão de Agostinho sobre o tempo, são precedidos por uma

---

\*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com bolsa CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Sua pesquisa foca na análise da recepção do pensamento de Agostinho de Hipona por Paul Ricoeur, um renomado filósofo no campo da fenomenologia e hermenêutica, reconhecido como um dos principais nomes da Filosofia Contemporânea

introdução (1,1-13,16) que busca esclarecer o significado do termo *principium* em Gênesis 1,1.

Agostinho compreende que, por sofrerem mudanças e alterações, o céu e a terra revelam que foram criados, e seu questionamento é como Deus os criou.

Assim, Agostinho inicia sua meditação no livro XI com um desejo profundo de compreender como Deus criou os céus e a terra, e por isso, dirige-se a Ele: "Concedei-me que eu ouça e compreenda como no princípio criastes o céu e a terra"<sup>1</sup> (XI, iii, 5). Para Agostinho, apenas Deus poderia proporcionar entendimento sobre a criação do mundo, pois ele reconhecia que nenhuma ciência humana poderia, por si só, esclarecer mistérios tão profundos sem a luz da fé.

Agostinho acredita que Deus criou todas as coisas e criaturas por meio do Verbo divino e eterno a partir da eternidade<sup>2</sup>. Ele argumenta que Deus não criou o universo dentro do universo, pois este ainda não existia como um local onde algo pudesse ser feito<sup>3</sup>. Diferente dos artesãos humanos que utilizam matéria-prima, Agostinho afirma que Deus criou o universo a partir do nada (*ex nihilo*)<sup>4</sup>, por meio da palavra. Conforme Soares (2013)<sup>5</sup>, Deus é o autor tanto da forma quanto da matéria a partir das quais um artífice cria uma peça. Nada existe de formal ou material fora de Deus. Portanto, como Agostinho conclui, se Deus não usou matéria, Ele deve ter criado os seres através do Seu eterno Verbo, Jesus Cristo, afirmando que "a criação se fez através da palavra".

No entanto, Agostinho questiona como Deus pode ter falado quando nada ainda existia, nem mesmo o tempo. Ele conclui que antes da existência do tempo, Deus só poderia ter falado a partir da eternidade e na eternidade, por meio de seu Verbo eterno (Palavra eterna), que não é temporal, não ocorre em um momento específico e não é audível, mas permanece na eternidade. Assim, o Verbo eterno,

---

<sup>1</sup>"Audiam et intellegam, quomodo in principio fecit caelum et terram"(AGOSTINHO, op. cit., XI, III, 5).

<sup>2</sup>Santo Agostinho, ao tematizar a eternidade nos capítulos iniciais (XI, 1-17), infere que a presença da eternidade no tempo é vivenciada pelo ser humano como desejo de Deus. Segundo Ayoub, Agostinho, ao comentar a passagem mencionada do livro de Gênesis (Gn 1,1), defende que se foi o "Princípio" que fez todas as criaturas, então ele as antecede. Contudo, dado que o Princípio também é, por definição, eterno, poderia ser rigoroso afirmar que esse Princípio existe antes das criaturas temporais? Sim e não. Não, se isso significar que esse Princípio (que é também Eternidade) existe cronologicamente antes de todas as criaturas terem sido criadas com o tempo. Argumentar desse modo pressupõe a inserção da Eternidade no curso do tempo, como se esta fosse cronologicamente a primeira em uma série. Contudo, se a Eternidade for temporalizada, deixará de ser eterna, o que desautoriza afirmar a anterioridade cronológica do Princípio. Porém, responde-se afirmativamente à questão acima, se a anterioridade for entendida em sentido causal, porque a Eternidade divina cria todas as criaturas (com o tempo) a partir do nada. Consequentemente, a existência das criaturas depende da anterioridade causal da Eternidade, mas não de sua precedência cronológica (AYOUB, 2021, p. 24)

<sup>3</sup>"neque in uniuerso mundo fecisti uniuersum mundum, quia non erat, ubi fieret, antequam fieret, ut esset" (AGOSTINHO, op. cit., XI, v, 7).

<sup>4</sup>"De início, o que significa *criar do nada* Deus não é como um artesão que, considerando uma forma qualquer em seu pensamento, a impõe à matéria que ele tem à sua disposição (argila, pedra, madeira etc.). Ao contrário, as diversas matérias que o artesão humano encontra à sua disposição, Deus foi quem as fez. O que o ato criador significa é, portanto, a produção do ser daquilo que é, e essa produção é possível unicamente para Deus, porque somente ele é o Ser: *quid enim est, nisi quia tu es*. Assim, sem qualquer matéria preexistente, Deus quis que as coisas fossem e elas foram; isso é precisamente o que se denomina *criar ex nihilo*" (GILSON, 2006, p. 358).

<sup>5</sup>SOARES, 2013, p. 38.

coeterno com Deus, expressa tudo simultaneamente e eternamente, não de maneira sucessiva como na fala humana. No entanto, embora as coisas sejam ditas simultaneamente e eternamente, não são criadas dessa forma. Portanto, como pode uma criatura temporal ser criada pelo Verbo eterno e dentro do Verbo eterno? “Como é possível que o tempo, com a sua irreduzível sucessão, com uma coisa antes e outra depois, seja criado num ato de simultaneidade, sem o mínimo de sucessão?” (J. REIS, 315).

O momento da criação marca o início de todas as coisas, incluindo o tempo, porque, por sua própria definição, o tempo envolve mudança e, portanto, é uma criatura. Segundo Agostinho, não existe um tempo antes da criação ou antes do momento em que Deus o teria criado. Como o tempo é uma criação, ele não faz parte da eternidade e, conseqüentemente, a temporalidade é característica do ser humano e não compartilha os atributos da eternidade, reservados apenas a Deus<sup>6</sup>. Santo Agostinho reconhece a supremacia de Deus e da eternidade sobre o tempo e o mundo. No entanto, para uma melhor compreensão do dualismo tempo/eternidade, é necessário primeiro refletir sobre os paradoxos do tempo.

## 1 O SER E NÃO-SER DO TEMPO

“O que é, pois, o tempo?”<sup>7</sup> é uma questão que intriga Agostinho profundamente. Ele inicia a seção principal do décimo primeiro livro das *Confissões* explorando tanto um lado negativo quanto um lado positivo sobre a existência e não-existência do tempo (14,17 – 22, 28). O lado negativo argumenta que o tempo não tem ser, enquanto o positivo se baseia no uso cotidiano da linguagem, que nos força a admitir que, de uma maneira inexplicável, “o tempo é”. No livro XI, Agostinho utiliza a linguagem como guia de sua investigação.

Sabe-se que a linguagem humana está repleta de referências ao tempo; todos reconhecemos a existência do tempo e compreendemos o que ele é, embora tenhamos dificuldade em defini-lo quando tentamos articulá-lo. Apesar de Agostinho usar a linguagem como ferramenta para sua análise, ele admite no parágrafo 14, 17 das *Confissões* que não consegue responder ao que é o tempo quando diretamente questionados sobre isso: “Se ninguém me perguntar, eu sei o que é, mas, se tentar explicar a alguém que me pergunte, eu já não sei”<sup>8</sup> (XI, xiv, 17). Isso mostra que a linguagem é insuficiente para definir o tempo, pois ela não consegue explicar a natureza das três formas temporais: passado, presente e futuro, que aparentemente não têm ser.

Assim, a dificuldade da linguagem em explicar o que é o tempo resulta na aporia entre o ser e o não-ser do tempo, levando à questão adicional da medição do tempo: como podemos medir algo que não existe? Apesar dessa limitação, Agostinho recorre à linguagem porque ela demonstra que nós medimos os tempos, mesmo sem conseguir explicar como medimos o que não tem existência definida.

O uso linguístico revela que, pelo menos em relação ao passado e ao futuro, falamos de um tempo como “longo” ou “breve”. Quando nos referimos a cem anos atrás, consideramos um longo tempo passado, e ao mencionarmos dez dias adiante, julgamos um futuro breve. No entanto, o passado já não existe e o

---

<sup>6</sup> CARDOSO, 2010, 84-85.

<sup>7</sup> “*quid est enim tempus?*” (AGOSTINHO, op. cit., XI, xiv, 17)

<sup>8</sup> “*quid est ergo tempus? si nemo ex me quaerat, sócio; si quaerenti explicare uelim néscio.*” (AGOSTINHO op. cit., XI, xiv, 17)

futuro ainda não ocorreu, então como podemos atribuir qualificativos como "longo" ou "breve" ao que não existe mais? Nesse sentido, Agostinho argumenta que não podemos dizer que o passado "é longo", mas sim que "foi longo"; e em relação ao futuro, que "será longo"<sup>9</sup>. O passado não é longo, pois deixou de existir como longo quando passou; e o futuro não é nem longo nem breve, pois ainda não aconteceu.

Dessa forma, uma vez que o passado já não existe mais e o futuro ainda não ocorreu, só é possível atribuir a noção de longo ou breve ao presente, pois aparentemente ele possui existência. Por essa razão, Agostinho dirige sua atenção ao presente, pois somente nele percebe-se uma impressão de duração, a qual pode ser percebida e medida pela alma. No entanto, mesmo ao focar no presente, Agostinho reconhece que o desafio da medição do tempo persiste, uma vez que o presente, se dividido em frações mínimas, também carece de extensão.

## 2 A MEDIÇÃO DO TEMPO

Se o presente não possui extensão, então também não possui existência, ou seja, não é. Essa dificuldade se revela na tentativa de medir o tempo, como exemplificado por Brachtendorf ao comentar o livro XI das *Confissões*:

um “lapso de cem anos é medido com o auxílio de uma unidade menor, a saber, a do ano individual. Presente é então, contudo, apenas esse único ano, enquanto os outros 99 ou já passaram ou ainda são futuros e, portanto, absolutamente não existem e tampouco podem ser longos ou breves. O ano presente é, por sua vez, medido pelo mês, o mês presente pelo dia, o dia presente pela hora, e a hora presente por unidades ainda menores. O tempo presente torna-se, por fim, infinitesimalmente pequeno. Ele contrai-se até o momento em que não possui mais extensão e, conseqüentemente, também não serve mais como medida para determinar a longuidão ou brevidade do tempo.” (BRACHTENDORF, 2020, p. 301)

Assim, mesmo o tempo presente não pode verdadeiramente ser considerado presente, pois só poderia sê-lo se fosse reduzido a um instante indivisível; somente o que é indivisível, não mais passível de divisão, poderia ser verdadeiramente o presente, sem passado nem futuro. Parece, então, que nem o passado, nem o presente, nem o futuro possuem existência, comprometendo assim a concepção das três formas tradicionais de tempo.

---

<sup>9</sup>“Contudo, dizemos tempo *longo* ou *breve*, e isto, só o podemos afirmar do futuro ou do passado. Chamamos “longo” ao tempo passado, se é anterior ao presente, por exemplo, cem anos. Do mesmo modo dizemos que o tempo futuro é “longo”, se é o posterior ao presente também cem anos. Chamamos “breve” ao passado, se dizemos, por exemplo, “há dez dias”; e ao futuro, se dizemos “daqui a dez dias”. Mas como pode ser breve ou longo o que não existe? Com efeito, o passado *já não existe* e o futuro *ainda não existe*. Não digamos: “é longo”; mas digamos do passado: “foi longo”; e do futuro: “será longo”. Em latim: “et tamendicimuslongum tempus et breue tempus neque hoc nisi de praeteritoaut futuro dicimus. praeteritum tempus longumuerbi gratia uocamus ante centumannos, futurumidemlongum post centumannos, breue autem praeteritum sic, ut puta dicamus ante decem dies, et breuefuturum post decem dies. sed quo pacto longum est autbreue, quod non est? praeteritumenim iam non est et futurumnon est. non itaquedicamus: longum est, seddicamus de praeterito: longumfuit, et de futuro: longumerit.” (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xv, 18).

No entanto, Agostinho volta sua atenção novamente para a experiência humana da linguagem, que contradiz a teoria de que a ideia dos três tempos é falsa, e considera que a solução reside em encontrar o modo de existência desses três tempos. Agostinho observa que aquilo que medimos são os tempos que estão em processo de passar, pois nem o passado nem o futuro existem atualmente. Portanto, o que percebemos como tempo que passa é o presente, aquele que anteriormente Agostinho concluiu não ter extensão e, portanto, não podia ser medido. Assim, Agostinho propõe substituir a noção de presente pela ideia de passagem ou transição, temporariamente. Conclui-se, então, que medimos o tempo conforme ele transcorre, ou seja, em seu presente

Sabe-se que através da linguagem narramos eventos passados e antecipamos o futuro. Por isso, Agostinho questiona onde exatamente estão as coisas futuras e passadas, afirmando que onde quer que elas estejam, não podem ser consideradas futuras nem passadas, mas apenas presentes. Se estão presentes como passado, já não existem mais; se estão presentes como futuro, ainda não existem.

Agostinho conclui, então, que tudo o que existe é o presente, mesmo que pareça ser passado. O que realmente existe não é o evento passado em si, mas uma imagem dele que reside na memória da alma, onde são armazenadas as impressões das coisas que passam no fluxo do tempo percebidas pelo observador. Quando alguém fala do passado, na verdade está se referindo às suas lembranças atualizadas na memória.

Em relação ao futuro, Agostinho argumenta que o que fazemos são previsões sobre o que está por vir. Essas previsões são feitas no presente, com base no conhecimento atual das causas ou sinais presentes dos eventos, permitindo-nos conjecturar o que poderá ocorrer<sup>10</sup>. Para corroborar sua afirmação, Agostinho utiliza a natureza como exemplo:

“Contemplo a aurora: preannuncio que o sol vai nascer. O que vejo é presente, o que preannuncio é futuro: não é o sol, que já existe, que é futuro, mas sim o seu nascimento, que ainda não existe: todavia, mesmo o próprio nascimento, se não o imaginasse no meu espírito, como agora quando estou a falar dele, não o poderia predizer. Mas aquela aurora que vejo no céu não é o nascimento do sol, embora o PRECEDA, nem aquela imagem que está no meu espírito: ambas são vistas claramente como presentes, a ponto de se poder dizer antecipadamente aquele futuro. Portanto, as coisas futuras ainda não existem e, se ainda não existem, não existem, e, se não existem, não podem ser vistas de forma alguma; mas podem ser preditas a partir das

---

<sup>10</sup>“Por isso, quando se diz que se vêem coisas futuras, não se vêem essas mesmas coisas, que ainda não existem, ou seja, que hão-de existir, mas sim as suas causas ou, talvez, os seus sinais; estes já existem: por isso, não são futuros, mas já presentes para os que os vêem, e, a partir deles, são preditas as coisas futuras concebidas no espírito. As imagens dessas coisas, por sua vez, já existem, e vêem-nas como presentes, dentro de si, aqueles que predizem tais coisas.”Em latim, “cum ergo uideridicuntur futura, non ipsa, quae nondum sunt, id est quae futura sunt, sedeorum causae uel signa forsitan uidentur; quae iam sunt: ideo non futura, sed praesentia sunt iam uidentibus, ex quibus futura praedicantur animo concepta. quae rursus conceptiones iam sunt, et eas praesentes apud se mtuentur qui illa praedicunt. (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, xviii, 24).

coisas presentes, que já existem e se vêem. (AGOSTINHO, Confissões, XI, xviii.)<sup>11</sup>

A concepção desenvolvida por Agostinho sobre o tempo o leva a uma revisão terminológica que resulta no conceito de um tríplice presente. O pensador conclui que não existem realmente três tempos — passado, presente e futuro — mas sim três presenças distintas: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro.

De acordo com Knuuttila<sup>12</sup>, para Agostinho, o tempo não pode ser medido em seu ser objetivo, pois sua verdadeira essência reside na alma, e a consciência humana opera antecipando o futuro, lembrando-se do passado e sendo consciente do presente através da percepção. Assim, através da distensão da alma, temos em nossa memória imagens de eventos que estavam presentes e que esperamos que estejam presentes. Portanto, há em nossa alma um presente do passado, que é a memória, e um presente do futuro, que é a antecipação ou expectativa.

### 3 A DISTENSÃO DA ALMA (*DISTENTIO ANIMI*)

Inicialmente, Agostinho partiu das garantias proporcionadas pela linguagem, que demonstram a existência dos tempos passado, presente e futuro, para afirmar positivamente a realidade temporal. No entanto, através de um rigoroso processo de raciocínio, acabou por questionar e contradizer essa segurança derivada da experiência e da ação humana. Portanto, Agostinho conclui que a linguagem é inadequada para explicar a existência dos três tempos, mas ao situar o passado e o futuro no presente, por meio da memória e da expectativa, ele acaba por preservar essa certeza inicial, garantida pela linguagem, de que são esses dois tempos que medimos. Essa abordagem permite-lhe afirmar novamente que existem três tempos.

Assim, Agostinho agora entende que o passado e o futuro não existem onticamente, mas existem no presente como imagem dos respectivos tempos. E a partir de agora, o seu objeto de estudo vai consistir na determinação do modo de existência do passado e do futuro na consciência presente.

Agostinho prossegue com sua reflexão sobre o tempo e conclui que ele é uma "distensão" (*distentio*). Ele afirma: "Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão distensão" (XI, xxvi, 33). Essa distensão, segundo ele, refere-se ao espírito: "Seria para admirar se não fosse a da própria alma" (*ibidem*). Nesta análise, Agostinho adota uma perspectiva subjetiva e apresenta sua concepção específica da medida do tempo: o tempo psicológico. Isso significa que a passagem do tempo é registrada na consciência interna (no espírito).

Baseando-se em sua nova definição de tempo como distensão (*distentio*), Agostinho passa a entender que o tempo é medido enquanto transcorre, e não

---

<sup>11</sup>"intueor auroram: oriturum solem praenuntio. quod intueor, praesens est, quod praenuntio, futurum: non sol futurus, qui iam est, sedortuseius, quinondum est: tameniamortum ipsum nisi animo imaginarer, sicut modo cum id loquor, non eum possem praedicere. sednecilla aurora, quam in caelouideo, solisortus est, quamuisseumpraecedat, necillaimaginatiomammomeo: quae duo praesentiacernuntur ut futurussille ante dicatur. futura ergo nondum sunt, et' si nondum sunt, et si non sunt, uideriomnino non possunt' sedpraedicipossunt ex praesentibus, quae iam sunt et' uidentur"(AGOSTINHO, op. cit., XI, xviii, 576).

<sup>12</sup> KNUUTTILA, 2016, p. 128-129

depois de transcorrido. Para ilustrar essa ideia, ele utiliza sons e vozes como exemplo. A primeira ilustração é a voz de um corpo a soar: ela começa a soar, ressoa por um tempo e depois cessa. Essa voz só pode ser medida enquanto soa, ou seja, no tempo presente, pois apenas nesse momento existe algo que pode ser medido; ela passa pelo ouvinte, pelo espírito perceptível, e por isso pode ser medida<sup>13</sup>.

O segundo exemplo refere-se a uma voz que começa a ressoar e continua ecoando. Essa voz só poderá ser medida quando parar de soar, pois é necessário ter um ponto inicial e final de sua duração para que possa ser medida, já que apenas o que possui limites pode ser mensurado. No entanto, o que já passou não existe mais e, portanto, não pode ser medido. Essas duas situações parecem contraditórias, pois, de um lado, apenas o que está ocorrendo no presente pode ser medido, enquanto, de outro, apenas o que já passou tem uma medida determinável (BRACHTENDORF, 2020).

Agostinho propõe um terceiro exemplo: a enunciação do verso *Deus, Creator omnium* (Deus, criador de tudo), retirado de um hino de Santo Ambrósio. O verso é composto por oito sílabas, quatro breves e quatro longas, alternadas. Conforme as regras de metrificação latina, uma sílaba longa tem o dobro da duração de uma sílaba breve; ao pronunciar o verso, o autor percebe essa diferença, assim como o ouvido distingue claramente essas durações. Para Agostinho, essa distinção ocorre porque o espírito é a instância que mede<sup>14</sup> o tempo: "Em ti, ó meu espírito, meço os tempos"<sup>15</sup> (xxvii, 36).

Após pronunciar uma sílaba breve e uma sílaba longa, medimos a sílaba longa em relação à breve e percebemos que a longa tem o dobro do tempo da breve. Para realizar essa comparação, não podemos sobrepor as sílabas como medidas de espaço, mas precisamos reter a breve e aplicá-la à longa. Nesse caso, como é possível comparar as sílabas entre si, já que, na enunciação, a sílaba breve deve ter passado para que a longa possa soar, e a sílaba longa só pode ser medida

---

<sup>13</sup>Imagina que a voz de um corpo começa a soar, e soa, e soa ainda, e eis que deixa de soar, e faz-se silêncio, e a voz passou e já não há voz. Havia de ser, antes de soar, e não podia ser medida, porque ainda não existia, e agora não pode, porque já não existe. Por isso, podia ser medida no momento em que soava, porque nesse momento existia o que podia ser medido". Em latim, "attende, ubialbescitueritas. ecce puta uoxcorporisincipitsonare et sonat et adhucsonat et ecce desinit, iamquesilentium est, et uoxillaepraeterita est et non est iam uox. futura erat, antequamsonaret, et non poteratmetiri, quianondum erat, et nunc non potest, quia iam non est. tunc ergo poterat, cum sonabat, quiatunc erat, quae metiriposset" (AGOSTINHO, op. cit., XI, xxvii).

<sup>14</sup>Santo Agostinho afirma que "é, pois, no espírito que se medem os tempos", mas como é que se medem os tempos no espírito? A resposta é que se medem-se enquanto aí permanece, depois da sua passagem, a impressão produzida no espírito pelas coisas que passam: "Meço a impressão que as coisas, ao passarem, gravam em ti e que em ti permanece quando elas tiverem passado, e meço-a, enquanto presente, e não as coisas que passaram, de forma a que essa impressão ficasse gravada". Em latim, "affectionem, quam res praetereuntes in te faciunt et, cum illaepraeterierint, manet, ipsammeterpraesentem, non ea quaepraeterierunt, ut fieret" (AGOSTINHO, op. cit., xxvii, 36). "Encontrámos no espírito o elemento fixo que permite comparar os tempos longos e os tempos curtos: com a impressão, o verbo fundamental não é mais passar, mas sim permanecer. Medimos já não as coisas que passaram, que são passado e não podem ser medidas, mas sim a impressão que essas coisas deixaram na alma, e medimo-la enquanto presente. Os dois enigmas, o do ser/não-ser e o da medida do que não tem extensão, são desta forma resolvidos ao mesmo tempo". (SOARES, 2013, p. 84)

<sup>15</sup>"in te, anime meus, tempora metior." (AGOSTINHO, op. cit., XI, xxvii)

quando tiver terminado? Além disso, a sílaba longa, após terminar, já não pode ser mais medida, pois já não existe.

No entanto, Agostinho afirma que consegue medir as sílabas e percebe claramente que uma tem metade do tempo da outra. Ele consegue fazer essa afirmação convicta porque as sílabas já passaram e terminaram. Assim, o paradoxo da medição do tempo se desfaz se considerarmos as impressões deixadas na memória e os sinais deixados na expectativa, voltando à tese do tríplice presente. Deste modo, o problema da medida e da essência do tempo se resolve, pois é na memória e na expectativa, ou seja, definitivamente na alma, que o tempo ocorre. Com isso, Santo Agostinho designa o conceito de *distentio animi* como a solução para o paradoxo do tempo.

Ao aprofundar sua reflexão, Agostinho atribui um novo significado à *distentio animi*, que agora passa a representar a fragmentação da alma, desprovida da estabilidade do eterno presente. A *intentio*, anteriormente compreendida apenas como a antecipação do poema inteiro antes da recitação, transitando do futuro para o passado, passa a ser vista como a esperança nas coisas últimas. Nesse novo contexto, o passado a ser esquecido não é mais apenas a coleção de memórias, mas sim o símbolo do "homem velho", conforme descrito por São Paulo em Filipenses 3:12-14. Assim, a *distentio* torna-se sinônimo de dispersão e errância associada ao homem velho, enquanto a *intentio* se identifica com a integração do homem interior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o livro XI de *Confissões*, surge algumas questões sobre a intenção de Agostinho em sua reflexão sobre o tempo. Ele trata o tempo como um fenômeno objetivo, que se funda no mundo exterior, ou como uma forma subjetiva de concepção da realidade, que se encontra no próprio espírito? Segundo Brachtendorf (2020), se assumirmos que Agostinho tentou explicar a essência do tempo de maneira geral com seu conceito de *distentio animi*, surgem várias objeções. Por exemplo, a questão da intersubjetividade do tempo. Se o tempo fosse formado pelo fato de cada indivíduo criar seu próprio horizonte de expectativa e lembrança, estabelecendo assim espaços de tempo, como poderia existir o mesmo tempo para todas as pessoas? Além disso, de acordo com o relato bíblico da Criação, o tempo existia antes do homem, que foi criado no sexto dia. Fisicamente falando, processos naturais ocorreram no tempo antes de existir um espírito humano capaz de se distender e, certamente, antes de existirmos como indivíduos determinados. O mesmo se aplica ao tempo histórico, pois, se eu vim à existência em determinado momento da história, o tempo histórico, como tal, não pode ser condicionado por minha atividade espiritual.

Brachtendorf argumenta ainda que a concepção subjetiva do tempo não é compatível com as próprias afirmações de Agostinho nos livros XI e XII de *Confissões* e em outras obras. Por exemplo, na introdução ao livro XI, Agostinho afirma enfaticamente que Deus, e não o espírito humano, é o criador dos tempos (*operator omnium temporum*) (XI,13,15). Segundo ele, o tempo foi criado juntamente com o "céu e a terra" e não primeiramente com o homem. No livro XII das *Confissões*, Agostinho chama o tempo de criatura (*creatura temporis*) (XII,15,20). Além disso, ele diz que o tempo surge com o movimento das coisas, pelo qual ele é também percebido e enumerado (*dinumerari*) (XII,8,8). Portanto,



para Brachtendorf, essas afirmações apontam para um conceito objetivo de tempo. Assim, pode-se concluir que Agostinho, no livro XI das *Confissões*, não pretende mostrar que o tempo em geral é *distentio* do espírito. Pelo contrário, ele mantém a ideia de um tempo objetivo, físico e histórico. Agostinho busca uma interpretação psicológica da experiência do tempo. Para isso, ele delineia um conceito de tempo subjetivo que complementa o tempo objetivo, e não o substitui, e até mesmo o pressupõe.<sup>16</sup>

Além disso, no conjunto de suas obras, as *Confissões* tratam da busca da felicidade pelo ser humano e do caminho para alcançá-la. Esse tema também se aplica à análise do tempo, pois a questão fundamental que Agostinho explora é: qual é o significado da temporalidade para o ser humano, que, sendo racional e finito, almeja a felicidade eterna? Agostinho procura alcançar uma estabilidade na vida terrena, a qual se realiza por meio do afastamento do que é transitório e pela dedicação ao esforço de buscar Deus como o bem supremo.

Para Ayoub (2021), Agostinho questiona "o que é o tempo?" dentro do contexto de uma filosofia eudaimônica. O tempo não é tratado como uma substância; ao contrário, a questão do tempo está relacionada ao vínculo que a vontade humana estabelece com Deus e com o mundo, bem como à presença divina. Assim, o tempo adquire um sentido duplo. Quando o tempo é preenchido pelas exigências de uma vontade direcionada ao prazer dispersante, angustiante e desgastante, ele se torna o tempo da infelicidade. No entanto, quando o tempo é preenchido pela vontade de exercitar o amor por Deus, culminando no prazer de louvá-lo, ele se torna o tempo da confissão das faltas humanas e do socorro divino. Nesse segundo modo de viver o tempo, o homem tem a possibilidade de reinterpretar suas misérias e inseri-las na narrativa da misericórdia divina. O tempo para o homem que dirige seu afeto a Deus busca a satisfação do amor fundamental que governa a vida humana, proporcionando momentos de deleite interior. Assim, a experiência humana do tempo reflete a direção dos amores humanos, seja para Deus ou não, de modo que o significado e a percepção do tempo acompanham o sentido que a alma escolhe para sua vida.<sup>17</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES PRIMÁRIAS:

AGOSTINHO. **Confissões**, Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 1ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões de Agostinho**: Edição Bilingue. Lisboa: Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000. 783 p. Tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. ISBN 972-27-1040-0.

### BIBLIOGRAFIAS SECUNDÁRIAS:

---

<sup>16</sup>BRACHTENDORF, 2020, p. 307-308.

<sup>17</sup>AYOUB, 2021, p.32-33.

AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. Agostinho e o tempo da alma. **Doispontos**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 21-34, 18 jun. 2021. Universidade Federal do Paraná. In: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v18i1.71954>

BRACHTENDORF, Johannes. **Confissões de Agostinho**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020. 392 p. Tradução: Milton Camargo Mota.

CÁCERES, Carlos Alberto. A criação e o tempo em Agostinho: uma análise do livro XI das *Confissões*. **Diaphonía**, [s. l], v. 7, n. 1, p. 30-52, 2021.

CARDOSO, Giovani Fernando. Tempo e Eternidade em Santo Agostinho. **Portal de Periódicos Eletrônicos da Faculdade de Filosofia e Ciências (Ffc)**, Marília, v. 3, n. 1, p. 81-91, 2010.

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho/** por Étienne Gilson da Academia Francesa; tradução Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

KNUUTTILA, Simo. “Tempo e criação em Agostinho”. David Vincent e Eleonore Stump (org.). *Agostinho*. São Paulo, Editora Ideias & Letras, 2016, 113-130. p. 128-129.

NOVAES, Cristiane Abbud Ayoub e Moacyr. *Confissões* livro XI. In. **Agostinho de Hipona (354-430)**. Paraná: Antologia de Textos Filosóficos. p. 19-56. Tradução do latim (especialmente para esta edição) e nota: Cristiane Abbud Ayoub e Moacyr Novaes.

REIS, José, “O Tempo em Santo Agostinho”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 44, Faculdade de Filosofia, Braga, 1998, 313-387.

SOARES, Martinho Tomé de Almeida. **Tempo, Mythos e Praxis: O diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles**. Edição FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA. SerSilito Porto – Portugal , 2013.